

Notícias de Guimarães

Ano 17.º N.º 844
GUIMARÃES, 4 de Abril de 1948
Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4919
Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietario — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

A personalidade literária de Gil Vicente

De Gil Vicente, do nosso Plauto, como assim o apelidara o profundo humanista André de Resende, do Criador do Teatro Português, diz-nos Menendez Pelayo que «não há quem o avante na Europa do seu tempo» e ainda o historiografo Angel Valbuena que «Portugal tem a honra de possuir o primeiro dramaturgo hispano anterior a Lope.»

Não há certeza da terra da naturalidade de Mestre Gil, embora Guimarães pretenda, com argumentos até certo ponto sólidos, chamar-lhe seu Filho.

A projecção e o universalismo da fulgurante personalidade de Mestre Gil irradiou por todos os meios cultos do Velho-Continente, tendo-o lido Erasmo, ao que parece na própria língua, (se dermos crédito à versão corrente), Cervantes, Calderon de La Barca e até Shakespeare.

O nosso Plauto suplanta Lucas Fernandez, é um digno emulo de Torres Navarro e Juan del Encina.

Como eles satiriza a sociedade do seu tempo, os vícios, erros e costumes da época, naquele estilo mordaz e causticante que lhe é tão próprio, ao mesmo tempo que dignifica, em exortações plenas de são nacionalismo, em máximas e sentenças morais que são verdadeiros apotegmas, as virtudes ancestrais da Raça e do Génio Lusitãos.

Como no-lo afirma Osório de Oliveira, Gil Vicente, na sua extensa galeria de personagens, não nos pinta só, caricaturando, certas facetas da vida portuguesa, mas, sim, nas Tragicomédias e Autos revela-nos toda a gama da sua vibrátil sentimentalidade, o seu fervor religioso, o seu exuberante patriotismo.

Muitas das suas obras, acentuamos, são quase de pura exegese, tal a profundidade, a latitude e o desassombro com que são debatidos os problemas morais e éticos.

Poeta de rara sensibilidade, do mais lídimo sentimentalismo, do mais doce sabor lírico legou-nos este mimo de poesia romântica e apaixonada:

«... Os vossos olhos, senhora,
Senhora da formosura
Por cada momento de hora
Dão mil anos de tristura;
Temo de não ter ventura,
Vida, não me estais olhando,
Que me estais enamorado...»

(Do Auto Pastoril)

Há também pureza de sentimentos, musicalidade, nos versos da *Comédia de Rubena*.

São, efectivamente, outro mimo de poesia:

«Ó minha mãe! Onde estais?
Minha mãe, onde me vou?
Minha mãe, não me buscais?
Vós bem sei que suspirais,
Porque os suspiros que eu dou
São os mesmos que vós dais...»

Verdadeiro patriotismo resalta dos versos sonoros da *Exortação da Guerra*:

«Ó famoso Portugal
Conhece o teu bem profundo
Pois até o polo segundo
Chega o teu poder real...»

De todas as obras de Gil Vicente, pela textura e profundidade do assunto, nenhuma deve exceder a trilogia das *Barcas*.

No *Auto das Três Barcas* debate-se magistralmente o drama fundamental do Cristianismo, a solução da Alma. O da *Glória*, escrito em castelhano, foi vertido para a nossa língua pelo Prof. Dr. Paulo Quintela, dinâmico orientador do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, grupo cénico que honra os pergaminhos tradicionais da Lusa-Atenas.

Da personalidade musical de Gil Vicente diz-nos Fernandes Lopes que, para as suas peças, o próprio comediógrafo *ensoa-va* cantigas que compunha ou que colhia no folclore português.

A personalidade literária de Mestre Gil é deveras complexa. Tão grande vulto da Literatura a que Guimarães, ciosamente, chama seu Filho foi poeta do mais fino quilate, comediógrafo, teatrólogo, actor de largos recursos histrionicos, músico e até pintor.

O seu nome, universalizou-se, não conhecendo fronteiras.

Prof. Joaquim Martins Lima.

COMEÇARAM OS TRABALHOS PARA AS FESTAS DA CIDADE

O conceituado industrial Sr. António José Pereira de Lima, antigo Vereador do Município, tendo sido nomeado pela Câmara Municipal para, em sua representação, presidir este ano à Comissão Executiva das Festas da Cidade, apresentou à Edilidade vimaranense, os seguintes nomes que escolheu para seus colaboradores na referida Comissão:

Antero H. da Silva, Albano Martins Coelho de Lima, Rodrigo Fernandes Abreu, Fernando Laje Jordão, António José Pereira Rodrigues, Fernando Seta, Francisco Ferreira de Oliveira, Américo Alves Ferreira, Francisco Ribeiro de Castro, Dr. Adelino Ribeiro Jorge, João Dias de Castro, Alberto Laranjeiro dos Reis, Manuel Cardoso do Vale, Aníbal Dias Pereira, Camilo Laranjeiro dos Reis Matos, Joaquim Laranjeiro dos Reis, Bráulio Teixeira Carneiro e Antonino Dias Pinto de Castro.

Na sua sessão de quarta-feira última a Câmara Municipal empossou a Comissão, que se encontrava presente na sua quase totalidade.

No acto usou da palavra, em nome da Comissão, o Sr. António José Pereira de Lima, dizendo que, embora com algum sacrificio, não podia deixar de aceitar o honroso convite que o Município lhe fez para trabalhar por Guimarães e que conta não só com a colaboração valiosa de todas as pessoas que chamou para com ele colaborar mas, ainda, com a indispensável ajuda do Município e de todos os vimaranenses, terminando por apresentar cumprimentos, em nome da Comissão, à Câmara Municipal, ali representada pelos seus ilustres presidente e vereadores, Srs. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Comendador Alberto Pimenta Machado, Aprígio da Cunha Guimarães, José Rosas Guimarães e Manuel Faria.

O Sr. Presidente da Câmara, agradecendo as palavras e a colaboração que tão prontamente acedeu a prestar-lhe o Sr. António José Pereira de Lima, prometeu todo o auxilio do Município para que as Festas do ano corrente não desmereçam das realizadas em anos anteriores.

A fim de dar início aos respectivos trabalhos reuniu no dia 1 de Abril no Orémio do Comércio de Guimarães, sob a presidência do Sr. António José Pereira de Lima, a Comissão Executiva das Festas da Cidade. Depois de ter usado da palavra o

A VOZ DAS FREGUESIAS

De S. João de Ponte a Corvite

Apreciando o labor e analisando as necessidades

UM APELO DE NESPEREIRA

S. João de Ponte

Proseguindo no nosso inquérito às necessidades das freguesias do concelho, detemo-nos em S. João de Ponte, uma das maiores em população e em actividade.

A denominação desta freguesia aparece-nos na bruma dos tempos, muitos anos antes da fundação de Portugal, nação independente.

Foi pertença da Congregação de S. Bento, sendo depois dada ao Santo Mosteiro da Condessa Mumadona por seu sobrinho e colação o Rei D. Ramiro II de Leão, em 8 de Junho de 927. Convento de freiras e frades, foi depois legado à Colegiada de Guimarães, sendo a freguesia considerada Vigairaria.

Deste passado nada resta praticamente, aparecendo-nos agora um burgo altamente populoso, com largo desenvolvimento industrial, comercial e agrícola.

ESTATÍSTICA

A freguesia dista de Guimarães-cidade 7 quilómetros. Tem 800 fogos e mais de 3.000 habitantes, com grande percentagem de operários fabris.

O ensino escolar é bastante profuso, dispondo a freguesia de 4 professores e 1 professor, mas só um dos edifícios escolares é construção própria, do Estado, sendo os outros dois alugados.

Labora nesta freguesia a maior empresa de Fiação do País, sem dúvida o maior contribuinte do município vimaranense. Trata-se, como se sabe, da Fábrica de Campelos, pertença da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, onde se empregam centenas de operários.

O comércio tem pronunciado desenvolvimento em S. João de Ponte, mercê da sua densidade populacional e igualmente atinge alto valor a actividade da lavoura, fazendo da freguesia um dos maiores centros de produção agrícola.

ASPIRAÇÕES

Como é evidente, resulta de todas estas actividades um rendimento apreciável para os cofres camarários e para o próprio Estado. Contudo, a despeito dessas largas contribuições, das mais rendosas de todo o concelho, —

João Franco

Faz hoje precisamente 20 anos que morreu João Franco, o inolvidável Amigo de Guimarães, o Estadista ilustre que soube sempre impor-se ao respeito e à admiração não só dos seus correligionários mas até mesmo dos seus adversários políticos.

O nome do Conselheiro João Franco Castelo Branco, cuja memória se encontra perpetuada num Monumento num dos pontos mais centrais desta Terra que ao saudosíssimo Morto tantos benefícios ficou devendo, não poderá jamais ser olvidado pelos vimaranenses, sabido que Guimarães teve nesse Cidadão de tantas e tão preclaras virtudes um defensor acérrimo das suas aspirações e dos seus legítimos direitos.

Ao passar, pois, novo aniversário sobre o passamento de tão notável Figura, curvamo-nos respeitosamente ante a sua memória e bendizemos o seu nome — o nome bem querido e saudoso de João Franco.

seu Presidente que pediu a todos os seus colaboradores para pugnaem o mais possível pelo êxito das festas Gualterianas e de serem escolhidos para os cargos de Vice-Presidente e Tesoureiro, respectivamente, os Srs. Antero H. da Silva e Rodrigo Fernandes Abreu, procedeu-se à distribuição de pelouros, à apreciação de vários expedientes e ao estudo do orçamento, sendo deliberado por último que a subscrição pública para as festas tenha início no dia 12 do corrente.

A Comissão espera confiadamente que os vimaranenses a acolham, como sempre, de braços abertos, prestando-lhe o melhor concurso em prol de Guimarães e facilitando-lhe a capinhosa tarefa que vai encetar.

diremos mesmo de todo o Distrito — S. João de Ponte tem vivido no esquecimento quanto a realizações e melhoramentos.

Há mais de 10 anos que a freguesia não é dispensado qualquer melhoramento, passando os anos uns após outros sem que esta estagnação se modifique, saindo se do torpor cómodo da inacção.

No entanto, há aspirações que ansiosamente aguardam realização. Há necessidades prementes que reclamam acção imediata, para que a vida da freguesia se eleve ao cume das suas possibilidades reais.

Arranjo de caminhos, posto telefónico público, electrificação exterior, distribuição do correio ao domicílio, Casa do Povo, moradias para operários, enfim, uma infinidade de coisas que urge concretizar para que o povo tenha um pouco mais de retribuição pelo trabalho que é forçado a dispendir.

ACTIVIDADE

No campo industrial avulta como organização principal de fabrico, a fiação da Fábrica de Campelos. Em menor escala, mas ainda com boa parcela de valor, há outras fontes de produção, nomeadamente de tecidos de algodão, moagem, cutelarias, meias e lenços, sendo a situação de momento, relativamente boa para toda a indústria.

No sector comercial também abundam os estabelecimentos, assim como da grande extensão da freguesia resulta um labor mais vasto e produção inais rendosa da agricultura.

Sob o aspecto social verifica-se uma regular situação. Há Corporação de Bombeiros, Escuteiros, Associações Católicas e Associação M. de Gado.

Está em projecto a realização de mercado a criação de feiras, sendo uma anual, de vulto, assim como se pensa na reposição de festas e romarias, momentaneamente suspensas.

NECESSIDADES

Com todos estes atributos de valor Conclui na 2.ª página.

Aguas passadas...

Uma Escola Nocturna em 1905. Vivas subversivos — Um aluno reconhecido

Para que a Viúva do Pedro «da esquinha», à Senhora da Guia, nos arrendasse um modesto andar, em 1906, para nele instalar um Centro Republicano, foi tarefa difícil. Ao cabo de promessas, quanto aos nossos propósitos benignos, sempre alcançamos fazer essa instalação em um 3.º andar da citada casa — ou, mais propriamente, de uma saleta, que avizinhou com as águas-furtadas.

Sempre o Ideal ajeitou pelas alturas. Iniciando desde logo a nossa obra, conspirar contra o regime monárquico, ali passámos a instalar um curso nocturno das primeiras letras. O mobiliário, tosco e simples, era composto de três carteiras e alguns bancos. Nas paredes fixaram-se os cartões que as Escolas Móveis de João de Deus adoptavam. Como professor deste curso nocturno, estava Francisco Jacinto, cirurgião dentário. O bom cidadão prestara-se a esta obra meritória — de ensinar analfabetos, sem pecúnia. Eu, *pedagogo furioso*, limitava-me a ajudá-lo; como podia, quando podia.

Decorridos alguns meses, mudámos a tarecada escolar para um 1.º andar de casa na rua Nova do Muro. E a escola — com alunos adultos e mocinhos, todos ocupados já nos mestres officinais e fabris, — prosseguiu.

Seriam três dezenas escassas de alunos matriculados. O espaço vital dos dois cubículos chamados salas, não comportaria mais. Não tenho elementos para uma resenha histórica, a rigor. Lembro-me de alguns homens que ali aprenderam a ler. Um deles foi aquele *Salgado sapateiro*, que, mais tarde, viria a ser um fiscal da barreira, em S. Lázaro. Outro, era o *Manuel latoeiro*, com officina à rua de Cambões. Mais outro, o *António ferrador*, à Caldeira. Nenhum, porém, se me fixou tanto como o *Miguel fecelão* — figura atarracada e grossa, de pernas arqueadas, como arcos. Pobre Miguel, a quem a Natureza não favorecera! Um dia, desesperado, ao sair da escola, rasgou o livro. E não voltou mais. Este atrasado mental, nem depois de solicitado, teve coragem de tentar de novo o aprendizado das letras. Se ele, coitado, nem sequer sabia, martelando as sílabas, dizer — *vi... a... gem!* «Viagem», proferia etc, obstinado e teimoso. E pa-

ra que não julgassem que era birra, para fazer arrelhar o mestre, o *Miguel fecelão*, de pernas arqueadas, como dois arcos, pedia desculpa. Era sem querer. Razão por que, rasgando o livro, não voltou mais à escola da rua Nova do Muro.

Passa a data do 31 de Janeiro — precursora da República. Francisco Jacinto, diz-me: ficaria bem fazer uma pequena oração aos alunos sobre aquele facto histórico. E vá de pregar aos... peixinhos. Uma passagem emocionou, talvez, o meu auditorio: Aquele episódio referente ao julgamento de um soldadito, quando ele, ingenuamente, afirmara ao Promotor de Justiça: — Não sabia o que era a República; mas devia ser *uma coisa muito boa* para que na madrugada em que acompanhara o seu regimento, indo à frente a banda de música, toda a gente, por entre aclamações, erguesse o seu chapéu e desse palmas, enquanto as senhoras, nas varandas, acenavam com lenços, acompanhando o brado entusiástico de — *Viva a República!*...

Acabada a breve oração aos alunos deste curso nocturno, foi-lhes dado sueto. Os adultos seguiram, na sua rota normal, para suas casas. Os petizes, esses, não o haviam de fazer, sem antes deixarem de gritar alguns vivas, à semelhança daquele que o soldadito proferira no tribunal, à hora do seu julgamento.

Semelhança estrambelhada dos petizes à saída do curso nocturno, fez-nos encerrar a porta da rua e apagar as luzes, receosos da intervenção policial.

Ao outro dia, o nosso correligionário José Pinto Teixeira de Abreu procurava-me, para saber o que se havia passado. E' que o Sr. Administrador do Concelho, seu amigo, chamara-o a capítulo. Havia recebido uma comunicação do regedor da freguesia, Simão Ribeiro, em que lhe dava parte da ocorrência. Os vivos subversivos à República gritados pelos endiabrados petizes, bem podiam fazer baquear os... oito séculos das instituições monárquicas em Portugal.

Anos passam. Mais de uma vinteana. Descendo eu a rua dos Palmeiros, dirige-se-me um cavalheiro, bem posto e bem parecido, em cordial cumprimento. Não sei quem seja o cavalheiro. Trato-o por *Excelência*. Então o desconhecido, identifica-se, recordando: que era aquele rapazinho barbeiro, o Pedro, a quem eu havia incutido, teimosamente, o desejo de que aprendesse a ler, matriculando-o na escola nocturna, da rua Nova do Muro.

E acrescentava, reconhecido: — «Devo o que sou à circunstância feliz de ter aprendido a ler. Mais tarde fui para o Brasil. Em um transatlântico de carreira, fui ainda barbeiro. Um dia, barbeei uma alta personalidade, filho do Chefe do Estado brasileiro. Dele recebi protecção. Frequentei as aulas nocturnas no Gabinete Português de Leitura. Subi. Amealhei alguma fortuna. Vim à Pátria».

E rematando: — *Devo-lhe o que sou!*... Exagerava. A' sua forte vontade devia o que era. Eu não fui mais que um bom encontro no seu caminho. O Pedro, aprendiz de barbeiro, ali na barbearia do Machado, à rua da Rainha, só por si justificou o valimento do curso nocturno, onde se conspirava contra... oito séculos de constitucionalismo outorgado, cujas armas, de longo alcance eram... o A. B. C.

A. L. de Carvalho.

Mudança de Hora

A noite passada e de harmonia com o que está determinado superiormente, os relógios foram adiantados 60 minutos, começando assim a vigora a Hora de Verão.

Chefe do Distrito

A Câmara e muitas outras entidades vimaranenses foram no dia 27 a Braga apresentar cumprimentos ao Chefe do Distrito por motivo da passagem do seu 1.º aniversário naquele lugar, associando-se assim, em nome do Concelho, às homenagens que todo o Distrito tributou ao ilustre Magistrado.

RESPOSTA A UMA CARTA

...Que sou destrambelhado, diz você, E a sua afirmação abunda em suco: — Que devo ter no caco um grande T E todos os sintomas de maluco... —

Eu tateio as meninges, palpo as bossas, E sinto-as, é verdade, um tanto moles... Talvez numa camisa, das de forças, Eu deveria estar em Rilhafoles...

Sou maluco, Senhora, e vou contar-lhe A razão porque sofro de loucura; E nesta confissão eu quero dar-lhe A síntese da minha desventura...

Sou maluco porque amo os desgraçados, Os que não têm pão e não têm lar. Maluco porque visto esfarrapados E chego a dar o que... não posso dar...

Maluco porque adoro as criancinhas, Os velhos, os doentes, os grilhetas... Maluco porque falo às andorinhas, Maluco porque beijo as violetas...

Sou maluco, Senhora, e de grinaldas, Porque às vezes não quero ao que bem quero... Maluco porque salvo as alvoradas E rezo ao sol poente a arder num zero...

Maluco porque estimo os feios sapos, Quero imenso às formigas canseirosas, Porque vejo com dô imundos trapos, Adoro os rouxinóis e amo as rosas.

E tanto por dizer por cá ficou, Que fica dentro em mim p'ra mim guardado... Senhora, mil perdões, adivinhou: Eu não passo dum doido, dum tarado...

Março de 1948. DELFIM DE GUIMARÃES.

Os Paços do Concelho

VII

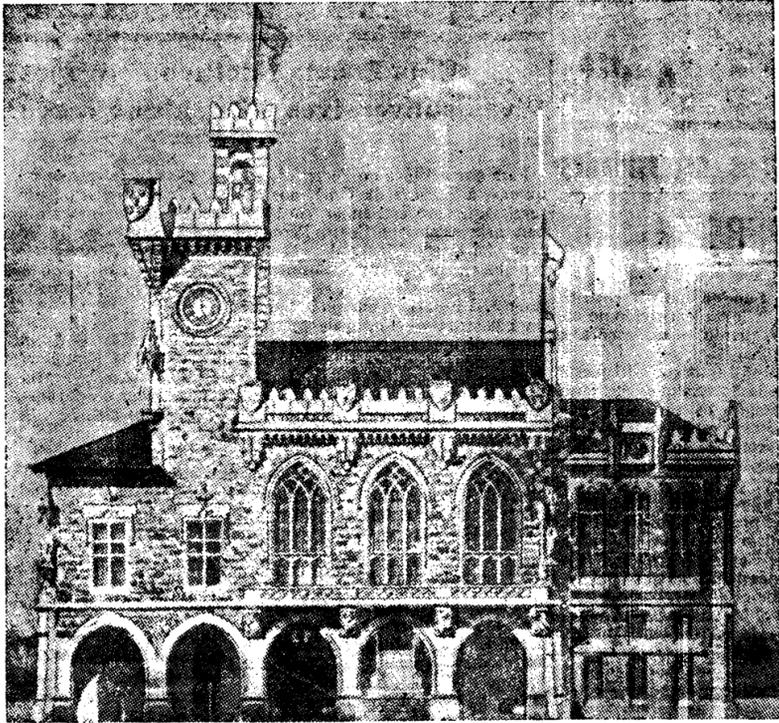
A última discordância manifestada no parecer, que temos discutido, da Comissão dos Monumentos Nacionais consiste no facto por ela notado de uma «preocupação dos pormenores de ornamentação exterior que chega a comprimir-se sem justificação

riqueza tão expressiva do nosso estilo manuelino nunca a abundância de pormenores foi considerada como prejudicial para as mais culminantes das suas realizações estéticas. Marques da Silva foi um artista sóbrio e delicado; foi uma autoridade

maiores forem as responsabilidades de cultura e de sensibilidade artística daqueles por cujo pensamento tal desvairo passasse.

A beleza não se explica, não se demonstra; sente-se e domina-nos. Nós não sabemos como descrevê-la e fazê-la compreender; no entanto, é desejo nosso que, no projecto dos Paços do Concelho, todos a sintam como nós a sentimos. Um único meio se nos oferece: publicar as gravuras das fachadas do edifício e transcrever os seguintes trechos da memória descritiva que Marques da Silva juntou ao projecto.

«O edificio municipal tem de re-



Fachada principal (Sul)

estética no acanhado espaço que a construção ocupa», e «tudo isto á custa de um dispêndio que não se coaduna com o discutível arranjo e dimensões das várias dependências».

Sobre o dispêndio e arranjo das várias dependências, já dissemos o que por agora se nos oferecia no nosso artigo anterior.

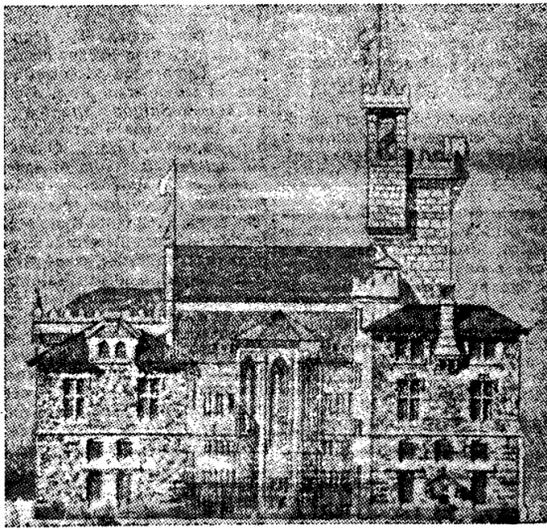
Quanto à compressão, sem justificação estética, dos pormenores de ornamentação, como se trata de uma apreciação de carácter meramente subjectiva, sujeita ao humor ocasional do observador, tantas vezes influenciado, quando não por circunstâncias simplesmente físicas e momentâneas de má disposição de nervos ou de órgãos funcionais que com eles contendam, por estados de espírito ou sentimentos dependentes da natureza íntima de cada um, poderíamos deixar de a refutar.

Aqueles mesmo que, em determinado momento, entendam haver excesso de ornamentação sem justificação estética, talvez uma hora depois, melhor dispostos e encarando a obra sob o seu aspecto rigorosamente objectivo, abstrahindo-a das condições e circunstâncias da sua origem e meios de formação, olhando-se em si mesma, soita de tudo que é terreno e no esplendor puro da arte, a encontrem, perscrutando o mais profundo da própria consciência, perfeita, equilibrada e bela.

Não vale a pena, por isso, afirmar

como realizador de arte; sob esse aspecto não nos é permitido discutir-o. Ele achou bem o que fez; ele era ar-

presentar a síntese das tradições históricas da cidade e marcar a sua feição individualista.



Fachada posterior (Norte)

quitecto distinto e ligou a sua responsabilidade e os seus brios profissio-

Nenhuma terra de Portugal conhecemos de características mais acentuadas.

A imagem do passado de Guimarães evoca em toda a sua aglomeração.

É o Castelo altaneiro a recordar as lutas sobre que se fundou a nacionalidade; a capela românica, em que a tradição diz ter sido baptizado o fundador da monarquia; os Paços junto do Castelo a transportar-nos à vida e à idade média em que os guerreiros batiam os sarracenos; a parte gótica da igreja de S. Francisco, infelizmente truncada, mas interessantíssima; a Colegiada e a Praça da Oliveira com as suas épocas românica, gótica, renascença e século XVII formando um conjunto de sugestão impressionadora; e, rematando, para não alongar mais esta resenha, o actual edificio da Câmara, tão característico pelo seu pórtico gótico de trânsito público a ligar as duas Praças desta arqueológica e artística terra de Portugal, que por felicidade é aquela em que a feição do Passado ainda se conserva.

Uma terra de tão ricos despojos não podia ter um edificio de qualquer arquitectura, ainda que excelente, dos usuais estilos emergentes. Guimarães seduz-nos e apaixoná-nos o bastante para termos cedido ao impulso íntimo de aceder ao convite público da Câmara Municipal.

Respondemos a ele com a convicção própria de alguma coisa valer o nosso esforço em prol da terra que tem em cada habitante um patriota amantíssimo e excelente cidadão.

Na batalha de Campo de Ourique cimentou-se a nossa nacionalidade e Afonso Henriques, que foi o obreiro, é natural da cidade de Guimarães. Ao alvorecer da idade média fomos buscar as fontes do nosso trabalho, ainda que o tivéssemos de matizar com a época posterior, porque o esforço vimaranense prolongou-se, tendo um realce incomparável com a família Vicente. As obras de ourivesa-

CONTRASTES!... FARPAS

A negociata dos medicamentos

O «Jornal de Notícias», do Porto, publicou no domingo de Páscoa um curioso artigo do Sr. Henrique Galvão, sobre os preços dos medicamentos e subordinado à epígrafe «Uma indústria próspera». Como se trata de um assunto de flagrante oportunidade, visto que os medicamentos chegam às Farmácias com preços exorbitantes e, portanto, em difíceis condições de serem adquiridos pelas classes mais humildes, transcrevemos alguns períodos do referido Artigo, nos quais, o seu Autor mais acentua a forma especulativa como se aproveita a doença como factor de «Uma indústria próspera».

Esses períodos são os seguintes:

«Creio que não digo nada de novo, assegurando que a «indústria da doença» é das mais prósperas. Nunca as conservas, nem os vinhos, nem a cortiça permitiram actividade industrial tão rendosa como a doença.

Multiplica-se o número de laboratórios em que se fabricam medicamentos, estes por sua vez multiplicam-se nos laboratórios; os preços fixam-se em níveis de ourivesaria; as farmácias transformam-se pouco a pouco em estabelecimentos de luxo — os medicamentos, enfim, artigo, ou género, diferente de todos os mais até pela importância social, entrou no mecanismo industrial e comercial corrente de qualquer género ou artigo supérfluo. E em volta deles especula-se, com desenvoltura e facilidade — pelo menos sem mais riscos — como se especula com as sedas e as lãs.

Se em Portugal se explorassem certas riquezas dos rios, do sub-solo e das colónias como se explora a doença, nem a América nos chegava aos calcanhares. Mas admitamos que é a abundância de matéria prima (os doentes) que justifica a existência de uma indústria nacional com tantos órgãos.

Ficam de pé, numerosos e judiciosos reparos: Porquê o nível de preços que atingiram os medicamentos em Portugal? Em nenhum país da Europa Occidental, mesmo naqueles que suportaram

as piores durezas da guerra e estão suportando as durezas da paz, os medicamentos se vendem por tão altos preços. Só, em algumas colónias portuguesas, conseguem ser ainda mais altos. Em Espanha, não há ninguém que o não saiba, custam por vezes, menos de metade, os mesmos medicamentos. Porquê?

Não acuso ninguém. Impressionam-me, como aliás a toda a gente, certos fenómenos que não entendo nem se estendem com a moral política e social que nos rege. Parece necessário observar estes fenómenos, estudar as causas — e, seja qual for a conclusão — organizar, para funcionamento activo e efectivo, os serviços de fiscalização sobre a preparação e venda de medicamentos.

Evidentemente, há qualquer coisa que não está bem e de cujas consequências ou resultados sofre uma população inteira — uma população em que há muitos doentes e cujo nível de vida é baixo. Evidentemente, também, há qualquer coisa que parece estar demasiado bem: é a indústria, é o comércio, de produtos farmacêuticos.

Quanto a comentários, deixámo-los ao cuidado dos leitores do «N. de G.», sobretudo daqueles que são vítimas da especulação a que se refere o Sr. Henrique Galvão.

Pequeno, mas necessário melhoramento

No trajecto desta cidade para o cemitério municipal, verifica-se, a poucos metros de distância deste, a imperiosa necessidade de ser melhorado o respectivo pavimento, o qual, conforme se encontra, produz uma nuvem de pó, em tempo seco, que dá a impressão de vivermos naqueles antigos tempos em que era desconhecida a utilidade de empedrar ou asfaltar as ruas e as estradas. De resto, trata-se de uma despesa de pouca monta e melhora-se o trânsito para o respectivo local, infelizmente com horário diário. Esperamos, pois, que, a bem do progresso e da própria higiene, se remedeie esse inconveniente. X.

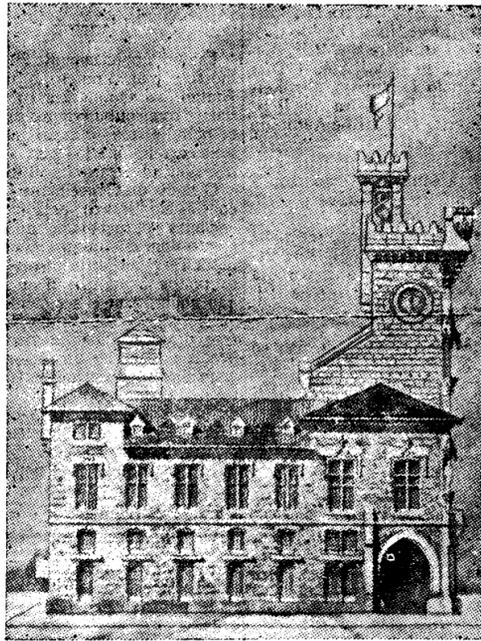
ria são um dos seus títulos de glória e o repositório da Colegiada um tesouro admirável. Foi, pois, no carácter da arte gótica que estabelecemos a nossa concepção cujos elementos, sem serem transcritos, provieram da visão de trechos da época, existentes ainda hoje.

Procuramos agrupá-los, numa subordinação completa do assunto do *utile et dulci* a que toda a composição arquitectónica tem de ficar sujeita. A época gótica foi de grande sentimento, mas também de razão. A irregularidade e assimetria constantes provinham de que a forma artística era o arranjo, o revestimento da necessidade. Seguimos este tema indo buscar esse revestimento ao próprio local e às fontes mais típicas da tradição histórica. Assim procuramos a síntese de que se fala no começo da memória. Não faremos a sua descri-

resco e vida local dos seus pórticos, beirados salientes e materiais próprios.

«Sem prejudicar a expressão que o edificio deve ter, reduzimos, tanto quanto possível, a proporções de simplicidade grave e austera, motivos de carácter decorativo que poderiam ser tratados ricamente. Este cuidado houve-o principalmente para o exterior, devido ao dispêndio que a natureza do material ocasiona. Conservamos certas esculturas para a fachada principal, mas estas feitas no espírito gótico não seriam muito onerosas, ainda que em rigor poder-se-ia deixar para colocação futura as personagens dos cunhais, sem que a sua falta, como se vê na torre do relógio, seja menos agradável.

Os baixos relevos das consolas da sacada são representativos das qualida-



Fachada lateral (Oeste)

ção minuciosa porque o projecto falará melhor do que aqui o poderíamos fazer. Todavia ressaltamos a importância das seguintes características: espírito guerreiro da idade média e combates com os sarracenos, consubstanciando a obra de Afonso Henriques; delicadeza da arte de ourivesaria, que tem no museu da Colegiada preciosidades históricas, tais como o oratório doado por D. João I, pito-

dades de raça da gente vimaranense.

E, por hoje, mais nada; apenas o nosso agradecimento muito sincero pelo sacrificio do espaço consentido por «Notícia de Guimarães», gentileza que, aliás, como defensor dos interesses desta terra, altamente o nobilita.

Mudou a hora legal. A cousa não estava mal. Se tudo fosse mudado... Mas, pensando uns bons instantes, Fica tudo como d'antes... Nada é modificado!

Todos mudam o... ponteiro Mas não muda o pardeiro A que chamam ESTAÇÃO... Nem a reles traquitana Do Correio — a carripana Que envergonha este torrão! —

Não mudam as amarguras Dum Rei que 'stá às escuras A's portas do seu solar... Nem a «Colina Sagrada» Muda o vício à namorada Da jura feita... ao luar!

Não muda, nesta cidade, A grande velocidade Ou a louca correria, Do «Espada» sem rival Que nos leva ao Hospital Ou nos remete à Atouguia!

Não muda a forma, a maneira, De venderem «de cadeira» Bilhetes para o «Jordão»... E não muda, infelizmente, Na maioria da gente, A falta de educação!

E não mudam, nem com guerras Tantos pobres d'outras terras Que aqui mendigam uns pingos! E não muda aquele estado — Triste eterno e desgraçado — Da Igreja de São Domingos!

Nada muda nesta vida Pra muitos aborrecida Por não sentirem melhoras... Não se adianta um só passo! Só mudou hoje o compasso Neste BAILADO DAS HORAS!

Damaoa.

VISITA PASCAL

Em todas as freguesias do concelho realizou-se no domingo e segunda-feira a tradicional Visita Pascal que, como sempre, decorreu com grande entusiasmo, ouvindo-se durante aquele dia o estalar de muitos foguetes e o repicar festivo dos sinos.

Delegado da Comarca de Fafe

No passado dia 30 de Março tomou posse do lugar de Delegado do Procurador da República na Comarca de Fafe, para que recentemente havia sido nomeado, o Sr. Dr. Júlio Carlos Gomes dos Santos.

Ao acto assistiram vários elementos do foro fafense.

D. Isaura Correia Santos

Acompanhada de seu marido o distinto Professor Sr. Abel dos Santos deu-nos há dias a honra da sua visita a nossa ilustre Colaboradora Senhora D. Isaura Correia Santos.

DR. MÁRIO ALBUQUERQUE

Esteve há dias nesta cidade em missão oficial, a fim de tratar da representação de Guimarães no Congresso Luso-Brasileiro, o ilustre Professor da Faculdade de Letras de Lisboa, Sr. Dr. Mário de Albuquerque que acompanhado pelo distinto publicista e Director da S. M. S. Sr. Alberto Vieira Braga, visitou os Museus e Monumentos da Cidade, tendo recebido os cumprimentos de várias individualidades em destaque no nosso meio.

A TEMPO E HORAS

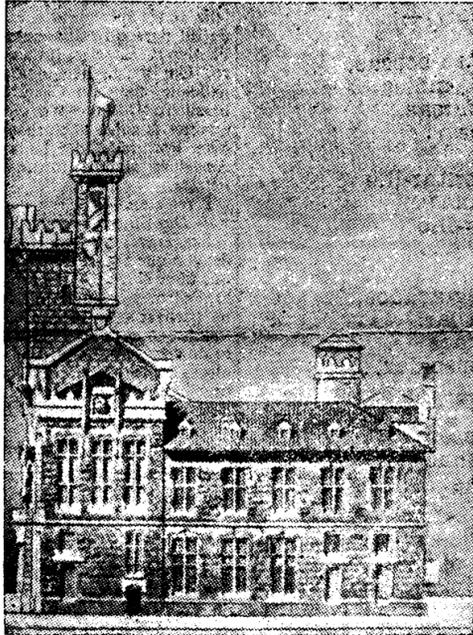
Em correspondência de Guimarães para o «Correio do Minho», de 31 do mês fi do, o Sr. Correspondente daquele Diário lamenta o facto de ainda não ter sido entregue à Câmara Municipal deste concelho o plano de Urbanização da cidade e salienta os prejuizos que resultam dessa demora. Igualmente se refere ao estado vergonhoso em que se encontra o exterior de alguns prédios, entre os quais cita dois situados à entrada da Rua Francisco Agra, lado direito, uma das artérias da cidade de muito movimento. Como um e outro caso merecem a atenção da entidade competente, fazemos votos para que sobre os mesmos sejam tomadas as devidas providências, pois nem num outro podem continuar sem solução, tan o mais que se trata de assuntos já ventilados em reunião do Conselho Municipal, conforme referimos em devido tempo.

Tecidos de Algodão e Seda

Accepta representação em Lisboa, R. DA SILVA PACHECO — Rua dos Douradores, 134-2.º

Informam: Silva Guimarães & C.ª e Macedo, Magalhães & C.ª — Guimarães. 985

Atenção à 4.ª página



Fachada lateral (Leste)

e demonstrar que não há compressão de pormenores de ornamentação que não contribuam para o objectivo de beleza que se pretendeu atingir. Aglomeração de pormenores de ornamentação encontramos-nos em variadas concepções de arte, e algumas de carácter bem português, consideradas no conceito geral de todos os apreciadores conscientes como maravilhas universais e, por exemplo, na

nais e artísticos à obra que vamos tratar de concluir; entre ele e quaisquer outros que pretendam levantar restrições à perfeição ou quantidade de pormenores com que ele atinge a beleza, não há hesitações possíveis; e não há, porque a obra é bela; substituir-lhe qualquer dos seus elementos constitutivos seria mutilá-la, seria profaná-la; ninguém a isso se atreverá, com tanto maior escrupulo quanto

A voz das Freguesias

Continuação

rização, não está, todavia, convenientemente acatellada e provida do que é mais essencial, esta freguesia tão importante do nosso concelho.

A estrada que liga a freguesia à sede do concelho necessita de arranjo geral, o mesmo acontecendo aos variados caminhos que estabelecem comunicação com os diversos lugares do povoado, que se encontram em péssimo estado.

Faltam as fontes de água potável e lavadouros públicos, esperando-se que a Câmara dê andamento a este assunto, cujos orçamentos já foram pedidos.

É muito necessária a luz pública. Presentemente só as habitações estão providas de luz eléctrica, sendo muito precisa no exterior.

Também representa uma falta enorme para a vida dos operários a não existência duma Casa do Povo nesta freguesia tão populosa e cuja criação muito contribuiria para o progresso comum.

Da mesma maneira muito aproveitariam os operários deste povoado se se desse realização a uma necessidade há muito apregoada: a criação de um posto de ensino nocturno, para aproveitamento dos operários e dos filhos dos operários que não pudessem frequentar a escola diurna.

Finalmente, a aspiração máxima de toda a gente: a construção de bairros operários, higiénicos e de renda barata para aproveitamento das classes pobres.

Nesta obra, de grande alcance moral, social e material, não só poderia actuar a Empresa da Fábrica de Campeios, construindo casas, muitas casas para os seus trabalhadores, a exemplo de tantas outras por esse país fora, como podiam a Câmara, as Caixas de Previdência ou o Estado dar realização a essa necessidade, a bem do próprio povo que agora vive calamitosamente.

Ou, então, todos juntos, isto é, contribuição equitativa do elemento particular e da parte oficial, formaríamos um bloco construtivo que não só beneficiava os operários, como valorizava o próprio meio, com reflexo no valor da respectiva actividade industrial.

CORVITE, à beira de S. João de Ponte, tem também as suas necessidades

Está esta freguesia anexa à de S. João de Ponte.

As primeiras coisas que reclamam providências são: cemitério no adro da igreja, e a 2 metros de casas de habitação! A escola que, como está, é uma vergonha. A construção de caminhos, pois não tem nenhum que permita o trânsito de viaturas sem pedirem permissão de passagem...

Quer dizer: Corvite, uma freguesia com razoável conjunto de vitalidade, não tem escola capaz, não tem caminhos, não tem luz eléctrica, não tem cemitério, — embora haja oferta de terreno para a sua construção — não tem correio nem telefone. Numa só palavra: — Não tem nada!

Contribui, contribui, mas nada recebe. O povo pede, o povo vive na esperança de que lhe sejam eliminadas ou pelo menos atenuadas estas dificuldades tão grandes para o seu viver e nós desta tribuna de lamentações secundamos o seu pedir paciente e justo, com a firme esperança de que alguma coisa, se não tudo, se faça em benefício dessa gente humilde e canseira, que vive no trabalho e do trabalho...

King.

De **NESPEREIRA** chega-nos o seguinte apelo afilítico:

... Sr. Redactor:

Os meus parabéns pela boa ideia do inquérito acerca das necessidades das freguesias rurais do concelho de Guimarães.

Embora não tenha recebido qualquer questionário a que tenha de responder nem faça parte de qualquer organismo com obrigações a cumprir na defesa dos interesses que lhe estejam confiados, quero bater-me pelo progresso de uma delas — a de Nespereira — que deve ser a que se encontra mais desprezadinha e para a qual a Câmara não deita desde há muito o seu misericordioso olhar.

E, senão, vejamos: — Nespereira não tem escolas; não tem fonte pública; não tem lavadouro público, nem caminhos, pelo que se vê na necessidade de mandar os filhos a escola de fora, a mendigar água, principalmente no verão, tanto para usos culinários como para se lavar, e a andar, no inverno, nalguns caminhos, com os pés na água ou na lama, para ir à missa.

A Nespereira, como vê, senhor Redactor, falta tudo, e, para seu maior mal, até consta que há quem lhe queira tirar o apeadeiro do caminho de ferro ao qual dá, aliás, além do de mercadorias, um movimento, no verão, de mais de dois mil passageiros por mês.

Senhor Redactor: — Pelas suas alminhas ajude-me a pugnar pelo progresso da freguesia de Nespereira, que é uma das mais bonitas do concelho, e peça comigo à Câmara que se lembre dela, que lhe dê água, que lhe dê escola, que lhe dê caminhos transitáveis e que mova toda a sua

influência para que lhe não roubem o apeadeirinho que, embora pequeno e de pequeno cais, lhe faz jeito, sendo uma das suas melhores regalias há muitos anos.

Não sei se mais alguém virá à liça bater-se por esta dama, mas, se vier, que traga a lança em riste para me ajudar a defender bem os seus interesses e a pugnar pelos seus direitos e pelo seu progresso nesta época de ressurgimento e de renovação porque o país está a passar graças ao dinamismo dos homens do Estado Novo. Cria-me, senhor Redactor, etc.

R. F.

Estamos integralmente ao lado do Sr. R. F. para pugnar pelos interesses apontados, ajudando-o na defesa da freguesia de Nespereira, não só para que lhe seja concedido o muito que lhe falta, mas ainda para que seja mantido o pouco que lhe resta.

Num dos próximos números daremos amplitude a todos esses assuntos para que às suas justas pretensões corresponda a justiça com um J dos grandes.

K.

NO MEU CANTINHO

Boas-Festas, meu Gualberto! Três semanas descansei. Não quero deixar a posse.

O **Comércio do Porto** de Quinta-Feira Santa prendeu-me forte.

Foi o fundo de Serras e Silva sobre **Os perigos do poder**. A História a surgir em lições altas.

Era Rocha Martins (poucas vezes o aturo) sobre o inesquecível Abade de S. Nicolau.

E, por sobre tudo, o **Erat autem nox** do recente Coadjuutor da Mitra de Portalegre.

Que bela pena e que profundo estudo!

No **Diário do Minho**, do mesmo dia, o interessante apreciar do Concerto Religioso, feito pelo Maestro Manuel Faria, contrastava assaz com a carapuça que na segunda página caía sobre a cabeça do auditorio braquês.

Até fazia pena tal contrastel!

A oportuna nota de J. M. no último número da **Portucale** lembrando as chancas de verniz do Abade de Baçal traziam à colação as botas formadas em Coimbra, cantadas por Manuel Boaventura no **Correio do Minho** de 7 de Março.

Que duas referências tão formosas!

E Júlio Dantas, no rodapé do **Comércio** de 14, com o Santo António a escrever a **Imitação de Cristo**??

Que riqueza de estudo revelava!

6.

Tílias da Avenida Velha

Há tempos, uma infeliz proposta, em sessão camarária, ia fazendo com que desaparecessem as frondosas e belas tílias desta Avenida. Felizmente, para então, ficaram salvas. Mas o rancor, o ódio à árvore, não se desvanecera. Em tom ameaçador, prometeram-se-lhes uma "poda", que as reduziisse a quase nada. Passaram uns anos e as pobres tílias da Avenida de D. João IV, da Avenida Velha, af estão já quase todas reduzidas a um informe tronco, barbaramente mutiladas. Ainda para pior, é agora que estão a fazer este serviço. Agora que elas já reverdeceram quase plenamente.

Mau fadário têm passado as árvores de Guimarães! As do Jardim Público cortadas a meio na sua copa, as do Toural e da Avenida Nova reduzidas a toros nus; as tílias da Avenida Velha, único sítio onde havia realmente sombra em tempos de canícula, simplifocadas em troncos, só troncos inestéticos e decepados.

Mau fadário, má sina têm as pobres árvores da nossa cidade! Apelamos para o nosso Município afim de que ordene rapidamente o termo destas mutilações que nunca deviam ter-se iniciado em condições assim.

Teatro Jordão

Companhia de Variedades

"Blas Vilson e Amparito Santillo"

Na passada quarta-feira, apresentouse no Teatro Jordão, a "Grande Companhia Internacional de Variedades" Blas Vilson e Amparito Santillo, representando o **Desfile de Melodias** em 2 actos.

Espectáculo arrevistado e exibido ao jeito americano, agradou pela novidade oferecida, em que sobressaíram a orquestra e as atracções coreográficas. Amparito Santillo, Pilar Castillo, Manolita Lucueva e a parilha de baile espanhol Merry & Rosa dançaram números de extraordinária beleza e deleitaram o público com a originalidade e desenvoltura dos seus bailados. A **Dança do Fogo** e a dos **Pelos Vermelhos** foram acontecimentos artísticos que perduraram na memória de todos quantos os presenciaram, quer em pormenor quer em ritmo — o que marcou exuberantemente a fama de que vinha precedida a Companhia.

Os **Vernoff**, bailarinos cómicos, arrancaram fartos aplausos com as suas duas apresentações excéntricas, devendo destacar-se, especialmente, a imitação dos irmãos Max.

Também os fantasistas portugueses, irmãos **Emilianos**, agradaram na representação dos seus "intermezcos", e conseguiram fazer boa graça com graça fina.

A orquestra, acompanhando o canto e o baile, mereceu as honras da noite ao executar o arranjo da "Vinha Alegre", e a "Melodia Americana", em género de **music-hall**.

Finalmente, com o aparecimento da super-vocalista Suzana, e a cançonista, **Bethy-Bray**, o espectáculo não desmereceu do fim em vista, pois foram ricas de timbre e sonberam manter sabor agradável em todos os números cantados.

Ao lado da desprezenciosa proibidade teatral — toda feita sem alardes de vaidade —, verificou-se a existência dum conjunto harmonioso que enlevou o público pelo encanto e conhecimento na música hispano-americana, somente divulgada através das rádios em dissonâncias que se nos deparam como nu atentado à harmonia.

Peça foi que a coreografia viesse à luz da ribalta em reduzido número de pares e que os efeitos de luz fossem tão pouco eficientes, até ao ponto de se procurar esquecer o que teimosamente nos aviva o velho adágio: — "Em casa de ferreiro..."

C.

Récita dos alunos da Escola

"Manuel Cardoso Martins"

Conforme noticiámos já, os alunos da "Escola Manuel Cardoso Martins", (propriedade da Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe), vêm ao nosso Teatro no próximo dia 8, realizando, ali, um atraente espectáculo, cujo produto revertêrã a favor das obras da Igreja Nova daquela simpática Vila.

Vai ser apresentado o seguinte programa, que não pomas dúvida em assegurar que será escrupulosamente cumprido de maneira a agradar:

Primeira Parte — "Orfeão"; "Desfolhada"; "Embalando"; "Os Sinos"; "S. José"; "Rapazes de Portugal" (Marcha); "Os Cozinheiros"; e "Rosinhas de Toucar".

Segunda Parte — "O Chico Refilão"; "Beim perguntado"; "O Vira"; "Adeus até à volta" (Caução); "Os bois" (versos de A. Lopes Vieira); "Pobretes Alegretes"; "A Capelinha do Monte"; e "Caução de Alcipe".

Terceira Parte — "Os dois garotos"; "Deus" (versos de Silva Tavares) e "Apoteose".

O Orfeão será dirigido pelo Maestro A. Cândido Mota, e a parte musical está também a seu cargo e do Sr. Angelino Teixeira Basto, pois ambos se prestaram, gentilmente, a dar a sua valiosa cooperação a esta festa.

<Os Comediantes de Lisboa>

A Empresa do Teatro Jordão acaba de contratar a grande e notável Companhia "Os Comediantes de Lisboa" para representarem no nosso Teatro as duas peças de extraordinário êxito — **Fanny e O Conde Barão**, nos próximos dias 12 e 13 do corrente.

Com um elenco grandioso e notável, que inclui os nomes dos distintos artistas — Lucília Simões, Hortense Luz, Maria de Lourdes, Maria Brandão, Lúcia Mariani, Maria Shulz, Assis Pacheco, João Villaret, Ribeiro, Vergílio de Macieira, José Amaro, António Sarmento, Canto e Castro, Sales Ribeiro, Baltazar de Azevedo, etc., etc.

"Os Comediantes de Lisboa", que pela primeira vez se apresentam no nosso teatro, vão proporcionar-nos duas noites de esplêndido Teatro.

INSPECTOR-CHEFE DO ENSINO LICEAL

Em visita de inspecção a alguns Liceus do Norte do País, esteve há dias nesta cidade, onde passou as Festas da Páscoa, o Sr. Dr. José Francisco dos Santos, Inspector-Chefe do Ensino Lical, que já regressou a Lisboa.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 2, o nosso prezado amigo e conceituado comerciante nas Taipas, sr. Francisco da Silva Martinho; no dia 5, o nosso prezado amigo sr. Padre Francisco Rodrigues, digno pároco em Paredes de Coura; no dia 6, a senhora D. Maria do Carmo de Sousa Carvalho Barbosa de Oliveira, esposa do nosso bom amigo sr. António Soares Barbosa de Oliveira, e os também nossos bons amigos srs. Alberto Carlos Abreu, Tomaz Rocha dos Santos e Agostinho Martins da Rocha; no dia 7, a senhora D. Ana Júlia de Sacramento Mendes e o nosso bom amigo sr. Ovídio Varela de Abreu Almeida; no dia 8, os nossos prezados amigos srs. Augusto Pinto Lisboa, importante industrial no Pevidem, e Francisco Gonçalves da Cunha, estimado proprietário em Sande; no dia 9, a senhora D. Brígida de Jesus Gonçalves, hábil modista, esposa do nosso bom amigo sr. Abílio Gonçalves.

Notícias de Guimarães apresentam-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Baptizado

Na paróquia de Nossa Senhora da Oliveira baptizou-se, na quarta-feira passada, uma menina, filha do nosso bom amigo sr. Dr. Júlio Carlos Gomes dos Santos, Delegado do Procurador da República em Fafe, e de sua esposa a senhora D. Maria Amélia Dias de Castro Fernandes Santos, tendo recebido o nome de Maria Adelaide.

Foram padrinhos a avó paterna a senhora D. Laurentina Gomes dos Santos e o avô materno, o nosso prezado amigo sr. João Mendes Fernandes.

Casamento

No Santuário de Nossa Senhora da Conceição, no Porto, realizou-se no dia 29 de Março, num ambiente da maior intimidade, o casamento da senhora D. Maria Carolina Monteiro Dias de Castro, filha do nosso prezado amigo sr. Dr. Mário Dias Pinto de Castro e de sua esposa a senhora D. Maria Augusta Monteiro Dias de Castro, com o sr. Joaquim Artur Valente Pinho Ribeiro, de Avanca, filho do sr. Joaquim Marques Pinho Ribeiro e de sua esposa a senhora D. Ana Balbina Valente Amador e sobrinho do saudoso Juiz de Direito sr. Dr. Artur Valente.

Parvinhamos o acto, por parte da noiva, seus pais e, por parte do noivo, seus tíos, o sr. Agostinho Luis Valente Amador e a senhora D. Palmira Valente Amador.

Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

Partidas e chegadas

Tivemos o prazer de cumprimentar neste cidade, há dias, o nosso prezado amigo e talentoso Abade de Ronfe, Rev. Horácio de Araújo.

Tem estado entre nós, onde veio passar as festas da Páscoa junto de sua família, o nosso estimado conterrâneo sr. José Manuel da Silva Carvalho, que em breve regressará à Suíça, afim de prosseguir os seus estudos.

Esteve em Lisboa, de onde já regressou, o nosso prezado amigo sr. António Pereira Rodrigues.

Regressaram de uma digressão por Espanha as senhoras D. Maria Manuela Marques Ribeiro de Freitas e D. Delmina Azevedo d'Além.

Esteve entre nós o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Dr. Gaspar Gomes Alves.

Tem estado em Lisboa o nosso bom amigo sr. Dr. Jorge da Costa Antunes.

Com sua esposa tem estado em Lisboa o nosso bom amigo sr. Belmiro Mendes de Oliveira.

Com sua esposa regressou de Lisboa o nosso bom amigo sr. Bráulio Teixeira Carneiro.

De Ancora regressou com sua esposa a esta cidade o nosso bom amigo sr. Luis Augusto Cardoso.

Doentes

Operação — No Hospital da Ordem da Trindade, no Porto, foi submetida, recentemente, a uma melindrosa operação, a esposa do nosso querido amigo sr. Francisco Pereira da Costa.

A enferma, a quem desejamos o mais breve restabelecimento, encontra-se melhor dos seus padecimentos.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

D. Antónia Cândida F. da Cunha Gonçalves

Na sua residência, à Rua da Rainha e confortada com todos os sacramentos da Igreja, faleceu, com 70 anos, a Sr.ª D. Antónia Cândida Ferreira Gonçalves da Cunha, esposa amantíssima do capitalista e nosso bom amigo Sr. Adelino Pereira da Cunha, mãe das Sr.ª D. Emilia Gonçalves da Cunha e D. Guilhermina Gonçalves da Cunha e dos nossos amigos Srs. Eduardo Augusto da Cunha, Augusto Gonçalves da Cunha e Adelino Gonçalves da Cunha e sogra da Sr.ª D. Elvira Matos da Cunha e dos nossos bons amigos Srs. José

Teatro Jordão

HOJE, às 15 e às 21,30 h.

APRESENTA:

OS VIZINHOS DO RÉS-DO-CHÃO

Com António Silva, Costinha, Teresa Gomes, Luisa Durão e um FADO cantado por Cidália Meireles.

Quarta-feira, 7, às 21,30 horas:

UM FILME QUE NÃO PODE SER VISTO COM INDIFERENÇA:

Mariona Rebull

Com José Maria, Seoane e Blanca de Silos

Sexta-feira, 9, às 21,30 horas:

O espectáculo mais rico e mais completo que reúne o verdadeiro fausto e beleza

ÁGUIA NEGRA

Com Irasema Dillan, Rosano Brazzi e Gino Corvi

O duelo entre 2 mortais inimigos; A invasão do Castelo pelos Cossacos; A perseguição da Troik pelo famoso Aguiá Negra.

Automobilistas:

Instalai nos vossos carros um «MOTOROLA» e teréis o melhor companheiro de viagem.

MOTOROLA

O melhor rádio para automóvel.

Vende: ANTONIO JOSÉ TRINDADE

Rua de Santo António, 53 — Guimarães.

MIPOLI — Minas de Ponte do Lima

S. A. R. L.

Capital realizado 1.000 contos autorizado 6.000

AUMENTO DE CAPITAL

A partir do dia 10 de Abril próximo está aberta a subscrição para a nova emissão de 5.000 contos em acções privilegiadas e nominativas do valor de mil escudos cada acção.

- Pagamento de 20% no acto da subscrição;
- Pagamento complementar, 20% mensalmente;
- As acções liberadas no acto da subscrição tem desconto de 3%;
- Tem preferência na subscrição da nova emissão os actuais accionistas.

Esta subscrição encontra-se aberta nas sedes e filiais dos Bancos Nacional Ultramarino, Português do Atlântico, Ferreira Alves e Pinto Leite e Banqueiros Fernandes Magalhães.

A Administração.

Faria Martins Leite e Francisco Belino Pereira Mendes.

A bondosa senhora, possuidora de acrisoladas virtudes, era natural da Póvoa de Lanhoso mas vivia em Guimarães, onde era muito estimada, há já bastantes anos.

O seu funeral, que esteve muito concorrido, efectuou-se ontem, no templo de N. S.ª da Oliveira, tendo sido o cadáver trasladado, após os actos fúnebres e com numeroso acompanhamento, para o Cemitério de Atougua.

Padre Joaquim Novais

Em quarto particular da V. O. T. de S. Domingos onde se encontrava em tratamento há algumas semanas e após cruciantes sofrimentos que soube suportar com a maior resignação cristã, finou-se ao princípio da noite de quarta-feira, confortado com todos os sacramentos da S. M. Igreja, o Rev. Joaquim Novais, de 44 anos de idade, natural da freguesia de Atães deste concelho, que foi durante alguns anos capelão do Azilo da Infancia Desvalida de Santa Estefânia desta cidade, onde prestou relevantes serviços.

O bondoso sacerdote, pelo seu espirito alegre a trato afável, era muito estimado no nosso meio, sendo bastante sentida a sua morte.

O seu funeral que teve uma assistência numerosa e selecta realizou-se na sexta-feira na capela da V. O. T. de S. Domingos com officios gerais cantados por muitos eclesiásticos e Missa de Requiem.

Assistiram também a Direcção e Internadas do Azilo de Santa Estefânia e outras Instituições de Caridade, assim como muitas pessoas das relações do extinto.

O cadáver foi removido, após os actos fúnebres e com grande acompanhamento, para o cemitério paróquia da freguesia de Atães.

Que descanse em paz o bondoso sacerdote a família de quem endereçamos sentidos pésames.

De luto

Pelo falecimento de sua mãe e cunhada, respectivamente, estão de luto os nossos bons amigos Srs. Sebastião da Silva Oliveira Salgado e Sebastião Mendes, aos quais apresentamos condolências.

Diversas Notícias

Câmara Municipal

Em sua sessão ordinária de quarta-feira

ta-feira última e por escrutínio secreto, foi nomeado médico municipal do Partido, nas Caldas das Taipas, o nosso conterrâneo Sr. Dr. Augusto Monteiro Dias de Castro, que já vinha desempenhando, interinamente, aquele lugar.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Henrique Gomes, à Rua da Rainha.

Clube dos Caçadores

Recebemos um officio deste Clube em que o seu distinto presidente Sr. João Maria Martins de Sequeira Braga nos comunica que a direcção, na sua primeira reunião realizada em 1 de Março, resolveu apresentar cumprimentos e saudações ao «Notícias de Guimarães», gentileza essa que nos cumpre agradecer.

José Rodrigues Ferreira

HORTICULTOR

Casa da Lomba — Cabouco — Coimbra

Encarrega-se da plantação de oliveiras com todos os requisitos da nova técnica, assim como todas as plantas de fruto.

Pode ser procurado em Guimarães, na PENSÃO LOPES, à «Porta da Vila».

VENDE-SE

Uma morada de casas de boa construção, de pedra, com 3 divisões e cozinha, corte para cevados, terra para horta e um pequeno jardim, bem situada, na Rua da Arcela, desta cidade. Prestam-se esclarecimentos na nossa Redacção.

811

José Pelayo e Silva

Solicitador encartado

Escritório: Largo do Toural, 52-1.º

GUIMARÃES

LOJA

Aluga-se, ampla, servindo para arrecadação de quaisquer artigos. Para ver e tratar na Rua do Gravador Molarinho, 37

Guimarães

A Acção Social da Legião Portuguesa

Foi solenemente inaugurada uma Cantina

que fornecerá refeições diárias a pobres e a operários

Conforme noticiámos, foi solenemente inaugurada, no penúltimo sábado, a Cantina da Legião Portuguesa, para cuja fundação muito contribuíram o prestigioso Chefe do Distrito, Sr. Major Nery Teixeira, a Câmara Municipal e o Comandante da L. P. Sr. José Mendes Ribeiro Júnior.

Foi escolhido propositadamente este dia para solenizar a passagem do primeiro aniversário da posse do ilustre militar como Chefe do Distrito.

Ao acto inaugural assistiram: Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Comendador Alberto Pimenta Machado, Apriço da Cunha Guimarães, João R. Martins da Costa (Alfão) e José Rosas Guimarães e Manuel Faria, respectivamente Presidente e Vereadores da Câmara Municipal; Coronel Graciliano Marques, Comandante Distrital da L. P.; Rev. António de Araújo Costa, Arcipreste; Dr. João Rocha dos Santos, Presidente da U. N.; Tenentes Ernesto Moreira dos Santos e Manuel Peres, Comandantes da G. N. R. e da P. S. P.; Cap. José M. P. Leite de Magalhães Couto e Casimiro Martins Fernandes, Presidentes dos Grêmios da Lavoura e do Comércio; Professor Mário Meneses, Provedor da Santa Casa da Misericórdia; Professor José da Pina, Comandante dos B. V.; Rev. Comendador Augusto Borges de Sá, António José Pereira de Lima e António José Pereira Rodrigues, respectivamente Presidente da Direcção das Oficinas de S. José, Provedor da Irmandade dos Santos Passos e Presidente do C. A. do Asilo de Santa Estefânia; Dr. Jorge da Costa Antunes, Sub-Delegado Regional da M. P.; Julião Carneiro da Silva, Chefe dos CTT; Alfredo Guimarães, Director do Museu de Alberto Sampaio; José Mendes Ribeiro Júnior, Comandante do Batalhão n.º 13 da L. P. e demais oficiais da mesma Unidade; Dr. José Francisco dos Santos, Dr. Leopoldo Martins de Freitas, Gaspar Ferreira Paul, Eng.º Eleuterio Martins Fernandes, Manuel de Freitas Guimarães, João M. Sequeira Braga, Comendador Dr. Francisco Meireles, Eng.º Alberto Costa, João Xavier de Carvalho, Presidente da Ass. Funerária Familiar Operária; Amadeu Guimarães, Presidente do Sindicato N. dos Caixeiros; António U. dos Santos Simões, Manuel Alves de Oliveira, Eng.º Joaquim Ferreira Leão e João das Neves, respectivamente Engenheiro e Chefe da Secretaria da Câmara Municipal; Dr. José da Conceição Gonçalves; Capitão Artur da Silva Lameiras, de Braga; Comandante Oscar de Magalhães, do Porto; José Pedro da Costa Caldas e António Pádua Nogueira, representantes dos Sindicatos N. da I. Têxtil e dos Operários Manipuladores de Pão, etc., etc.

Presidiu ao acto o Sr. Governador Civil, a quem foi prestada guarda de honra por uma lança da L. P.

Depois de uma ligeira visita às dependências do Quartel da Legião, onde foram modeladamente montados os serviços da Cantina, que vai começar a funcionar diariamente a partir da próxima semana e onde naquele dia foram já distribuídas centenas de refeições, discursaram, referindo-se ao grande alcance social daquele melhoramento e pondo em evidência as pessoas que para a sua realização muito contribuíram, os Srs. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Presidente da Câmara; José Mendes Ribeiro Júnior, Comandante do Batalhão n.º 13 da L. P. e Coronel Graciliano Marques, Comandante Distrital do mesmo patriótico Organismo. Por último usou da palavra o Chefe do Distrito, que começou por saudar na pessoa do Presidente do Município a população vimaranense e se congratulou com a inauguração daquela Cantina. Todos os oradores foram muito aplaudidos.

Ex.º Sr. Mário de Sousa Meneses — Guimarães. Ex.º Sr.

Tendo lido em o "Notícias de Guimarães", de 28 do corrente uma notícia de V. Ex.ª, pela qual se verificou que alguém mal intencionado quis por em dúvida a assistência rápida prestada às vítimas do tremendo desastre ocorrido nesta vila, recentemente, as quais foram conduzidas ao Hospital de Guimarães por um pronto-socorro da nossa Corporação, nós vimos manifestar a V. Ex.ª a nossa repulsa por tão falsas atoardas, e atestamos em abono da verdade que a chegada do dito pronto-socorro com as vítimas, ficaram os nossos bombeiros admirados como tão prontamente os Ex.ºs Clínicos tiveram conhecimento do horrível desastre.

Havia já alguns minutos que aguardavam a chegada dos feridos, em virtude de uma comunicação telefónica feita desta vila. Por isso, tanto os serviços clínicos como os de enfermagem, não faltaram aos infelizes sinistrados.

E quanto se nos oferece dizer a V. Ex.ª em respeito à verdade, pelo que pode V. Ex.ª fazer o uso que entender deste officio.

Com os nossos respeitosos cumprimentos, subscrevo-me atenciosamente.

O 2.º Comandante, a) A. M. de Mendonça Pinto.

Vizela, 31 de Março de 1948.

P'lo Comandante, A. M. de Mendonça Pinto. 2.º Comandante.

N. da R. — Cumpre-nos agradecer os desejos de prosperidades que gostosamente retribuimos à humanitária Ass. dos B. V. de Vizela.

* A Mesa da Santa Casa da Misericórdia recebem o seguinte officio da Ass. H. dos B. V. de Vizela:

Vizela, 31 de Março de 1948.

Ex.º Sr. Mário de Sousa Meneses — Guimarães. Ex.º Sr.

Tendo lido em o "Notícias de Guimarães", de 28 do corrente uma notícia de V. Ex.ª, pela qual se verificou que alguém mal intencionado quis por em dúvida a assistência rápida prestada às vítimas do tremendo desastre ocorrido nesta vila, recentemente, as quais foram conduzidas ao Hospital de Guimarães por um pronto-socorro da nossa Corporação, nós vimos manifestar a V. Ex.ª a nossa repulsa por tão falsas atoardas, e atestamos em abono da verdade que a chegada do dito pronto-socorro com as vítimas, ficaram os nossos bombeiros admirados como tão prontamente os Ex.ºs Clínicos tiveram conhecimento do horrível desastre.

Havia já alguns minutos que aguardavam a chegada dos feridos, em virtude de uma comunicação telefónica feita desta vila. Por isso, tanto os serviços clínicos como os de enfermagem, não faltaram aos infelizes sinistrados.

E quanto se nos oferece dizer a V. Ex.ª em respeito à verdade, pelo que pode V. Ex.ª fazer o uso que entender deste officio.

Com os nossos respeitosos cumprimentos, subscrevo-me atenciosamente.

O 2.º Comandante, a) A. M. de Mendonça Pinto.

Vizela, 31 de Março de 1948.

AINDA O TRÁGICO

DESASTRE DE VIZELA

A propósito desta lamentável ocorrência, recebemos o seguinte officio:

Sr. Director de o "Notícias de Guimarães", — Guimarães.

Em referência à notícia com a epigrafe "Horrível desastre em Vizela, do "Notícias de Guimarães", n.º 843 de 28 de Março de 1948, que V. ... proficientemente dirige, vem anunciando que este Comando foi quem dirigiu o funeral das vítimas, e por lapso não foram mencionadas as entidades referidas a esta Corporação, que tomaram parte no dito funeral. Eis a razão por que vimos a presença de V. ... solicitar uma rectificação à notícia, pois da forma como vem publicada deu origem a mal entendidos, o que para o brio desta Corporação necessitamos de ressaltar.

O funeral não foi dirigido por este Comando mas sim por uma comissão que se constituiu para o efeito, tendo nós apenas posto à disposição numa viatura automóvel para a condução das três vítimas do trágico acidente, incorporando-se no funeral todo o CORPO ACTIVO, QUADRO AUXILIAR, QUADRO DE MOTORISTAS, QUADRO DA INACTIVIDADE e ainda a BANDA DE MÚSICA desta Corporação. Visto não ter havido referência alguma às ultimas homenagens prestadas às vítimas, com a presença dos citados Quadros, eis o motivo do nosso pedido de rectificação, estando certos de que V. ... lhe prestará o seu melhor acolhimento. Com as nossas desculpas e agradecendo antecipadamente a atenção de V. ... subscrevemo-nos com muita consideração e desejos de muitas prosperidades para o "Notícias de Guimarães".

P'lo Comandante, A. M. de Mendonça Pinto. 2.º Comandante.

N. da R. — Cumpre-nos agradecer os desejos de prosperidades que gostosamente retribuimos à humanitária Ass. dos B. V. de Vizela.

* A Mesa da Santa Casa da Misericórdia recebem o seguinte officio da Ass. H. dos B. V. de Vizela:

Vizela, 31 de Março de 1948.

Ex.º Sr. Mário de Sousa Meneses — Guimarães. Ex.º Sr.

Tendo lido em o "Notícias de Guimarães", de 28 do corrente uma notícia de V. Ex.ª, pela qual se verificou que alguém mal intencionado quis por em dúvida a assistência rápida prestada às vítimas do tremendo desastre ocorrido nesta vila, recentemente, as quais foram conduzidas ao Hospital de Guimarães por um pronto-socorro da nossa Corporação, nós vimos manifestar a V. Ex.ª a nossa repulsa por tão falsas atoardas, e atestamos em abono da verdade que a chegada do dito pronto-socorro com as vítimas, ficaram os nossos bombeiros admirados como tão prontamente os Ex.ºs Clínicos tiveram conhecimento do horrível desastre.

Havia já alguns minutos que aguardavam a chegada dos feridos, em virtude de uma comunicação telefónica feita desta vila. Por isso, tanto os serviços clínicos como os de enfermagem, não faltaram aos infelizes sinistrados.

E quanto se nos oferece dizer a V. Ex.ª em respeito à verdade, pelo que pode V. Ex.ª fazer o uso que entender deste officio.

Com os nossos respeitosos cumprimentos, subscrevo-me atenciosamente.

O 2.º Comandante, a) A. M. de Mendonça Pinto.

Vizela, 31 de Março de 1948.

P'lo Comandante, A. M. de Mendonça Pinto. 2.º Comandante.

N. da R. — Cumpre-nos agradecer os desejos de prosperidades que gostosamente retribuimos à humanitária Ass. dos B. V. de Vizela.

* A Mesa da Santa Casa da Misericórdia recebem o seguinte officio da Ass. H. dos B. V. de Vizela:

Vizela, 31 de Março de 1948.

Ex.º Sr. Mário de Sousa Meneses — Guimarães. Ex.º Sr.

Tendo lido em o "Notícias de Guimarães", de 28 do corrente uma notícia de V. Ex.ª, pela qual se verificou que alguém mal intencionado quis por em dúvida a assistência rápida prestada às vítimas do tremendo desastre ocorrido nesta vila, recentemente, as quais foram conduzidas ao Hospital de Guimarães por um pronto-socorro da nossa Corporação, nós vimos manifestar a V. Ex.ª a nossa repulsa por tão falsas atoardas, e atestamos em abono da verdade que a chegada do dito pronto-socorro com as vítimas, ficaram os nossos bombeiros admirados como tão prontamente os Ex.ºs Clínicos tiveram conhecimento do horrível desastre.

Havia já alguns minutos que aguardavam a chegada dos feridos, em virtude de uma comunicação telefónica feita desta vila. Por isso, tanto os serviços clínicos como os de enfermagem, não faltaram aos infelizes sinistrados.

E quanto se nos oferece dizer a V. Ex.ª em respeito à verdade, pelo que pode V. Ex.ª fazer o uso que entender deste officio.

Com os nossos respeitosos cumprimentos, subscrevo-me atenciosamente.

O 2.º Comandante, a) A. M. de Mendonça Pinto.

Vizela, 31 de Março de 1948.

TEIXEIRA & GONÇALVES,

LIMITADA

Faz-se público que por escritura de 25 de Fevereiro de 1948 lavrada pelo notário da Comarca de Guimarães Ernesto Ramos Falsa, entre Orlando da Silva Gonçalves, comerciante e Angelo da Rocha Teixeira, empregado do comércio, ambos casados, residentes nesta cidade, foi constituída uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada com as cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma Teixeira & Gonçalves, Limitada, tem a sua sede e estabelecimento no rés do-chão do prédio da Rua Trinta e um de Janeiro, antiga Rua de Santo António, com os números de polícia vinte e seis e vinte e oito, desta cidade de Guimarães; a sua duração é por tempo indeterminado, e, o seu início, para todos os efeitos de direito, contar-se-á, desde o dia quinze de Março do corrente ano.

2.º

O objecto da sociedade é o exercício de representações e conta própria, bem como o de qualquer outro ramo em que os sócios acordem, com excepção do bancário.

3.º

O capital social é de sessenta mil escudos, dividido em duas cotas de trinta mil escudos cada uma, cada uma pertencente a cada um dos sócios, achando-se a do sócio Gonçalves integralmente realizada em dinheiro e a do sócio Teixeira cincoenta por cento também em dinheiro, devendo os restantes quinze mil escudos estar realizados em dinheiro, no prazo de dois anos, a contar da data do início desta sociedade.

4.º

A gerência, com dispensa de caução e sem remuneração, fica a cargo dos dois sócios, que entre si e de comum acordo resolverão os respectivos serviços.

5.º

Os documentos, actos e contratos poderão ser assinados por qualquer dos sócios.

6.º

A sociedade não se dissolve por falecimento ou interdição de qualquer sócio e continuará com os restantes e com o representante ou herdeiros do sócio falecido ou interdito, salvo se estes preferirem afastar-se da sociedade. Neste caso proceder-se-á a balanço e os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito receberão o que se apurar pertencer-lhes e que será pago em quatro prestações trimestrais, iguais e sucessivas, as quais vencerão juro igual ao da taxa de desconto do Banco de Portugal.

7.º

Os anos sociais serão os civis e os balanços serão dados em trinta e um de Dezembro, devendo estar aprovados e assinados até aos fins de Fevereiro imediato e os lucros líquidos apurados, depois de deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios na proporção das suas cotas, bem como na mesma proporção serão suportados, quando os houver os prejuizos.

8.º

Em todo o omissio regularão as disposições da Lei de onze de Abril de mil novecentos e um e mais legislação aplicável.

9.º

Secretaria Notarial de Guimarães, 25 de Fevereiro de 1948.

O Notário, 810

Ernesto Ramos Falsa.

Lede e assinal o «Noticias de Guimarães»

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

A Banda dos Guises

festejou o seu 45.º Aniversário

A reputada Banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães (Banda dos Guises) festejou no passado domingo o seu 45.º aniversário, tendo percorrido nesse dia as ruas da cidade, apresentando cumprimentos às Autoridades, à Imprensa, etc.

A Banda esteve naquele dia na nossa Redacção, o que nos cumpre agradecer, ao mesmo tempo que fazemos votos pelo seu progresso.

No domingo, às 10 horas, na basílica de S. Pedro, foi resada uma missa por alma dos componentes da Banda falecidos, e, na segunda-feira, à noite, no Restaurante do Teatro Jordão, teve lugar um jantar de confraternização que decorreu no meio da mais comunicativa alegria e franca camaradagem.

O Notário, 810

Ernesto Ramos Falsa.

Lede e assinal o «Noticias de Guimarães»

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

O amor à Terra e à Gre', eis o nosso lema.

VAI A LISBOA?

Visite a Cervejaria Moderna

Restaurante Serviço esmerado e económico

230, RUA DOS CORREIROS, 232 TELEFONE, 2 8580 LISBOA

DEPOSITÁRIO EM GUIMARÃES: RODRIGO FERNANDES ABREU L. República do Brasil, 12.

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

VAI A LISBOA?

Visite a Cervejaria Moderna

Restaurante Serviço esmerado e económico

230, RUA DOS CORREIROS, 232 TELEFONE, 2 8580 LISBOA

DEPOSITÁRIO EM GUIMARÃES: RODRIGO FERNANDES ABREU L. República do Brasil, 12.

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

789

Vinho Verde Branco e Tinto em Garrafas das famosas Caves "MONTA-NHEZ", de Colorico de Basto.

Chegou nova remessa destes excelentes vinhos.

Garraão de 5 litros «Montanez», Branco 17\$50
Garraão de 5 litros «Montanez», Tinto 15\$00
Garraão de 5 litros «Quinta da Torre», Tinto 12\$50

DEPOSITÁRIO EM GUIMARÃES: RODRIGO FERNANDES ABREU L. República do Brasil, 12.

Srs. Agricultores

O adubo «Vencedor» é um adubo indispensável aos seus terrenos, por ser um adubo completo, e rigorosamente preparado.

O «Vencedor» é um adubo muito equilibrado, e que vos garante uma boa compensação nas vossas sementeiras.



Só com o adubo «Vencedor» é que podeis conseguir o máximo de produção.

Prefiram só Adubo «Vencedor».

Fórmulas especiais para todas as culturas, principalmente para VINHA, BATATA, OLIVEIRAS e CEREAIS.

BATATAS DE SEMENTE certificadas, Nacionais e Estrangeiras.

Pedidos ao Agente A. J. FERREIRA DA CUNHA 38, Praça D. Afonso Henriques, 39 — GUIMARÃES ou a SIMÕES & IRMÃO, L.ª

Rua Dr. Sousa Viterbo, 20-1.ª // Telef. 23129 // Teleg.: «SIMOS-PORTO» — (Ao fundo da Rua Mousinho da Silveira).

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazens de Retem e Depósitos (Area coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINH